

MACHISMO DO IMPÉRIO DESNUDA-SE SOZINHO

IRENE DE LEÓN

Quito, Equador

O Império de hoje se parece muito ao regime colonial de antes pois, herdeiro de séculos de poder piramidal, em sua identidade registra renovadas versões da mesma ideologia de poder, domínio, possessão e coação que entre outras coisas, tem nutrido, séculos após séculos, as pretensões megalomaniacas de alguns homens e suas aspirações de se colocarem na parte mais alta da pirâmide, dominando do alto o resto da Humanidade, convertida em pão móvel e em casos descartáveis.

Na parte inferior da pirâmide em grandes quantidades estão as mulheres¹, que seguem sendo, apesar de algumas mudanças, a cabeça do grupo excluído, das políticas sociais inexistentes, dos direitos existentes mas negados, da sutileza do capital que rodeia o humano e representa o mercado.

Além de encabeçarem os grupos afetados pelos desmandos do Império, elas são as primeiras a pagar a fatura das incongruências relativas à sua imposição. No Iraque, por exemplo, são evidentes os retrocessos em direitos operados desde o início da invasão. Para trás ficaram as políticas de inclusão que, para repararem desigualdades, determinaram a elas a prioridade para a educação, a saúde e aos cargos públicos; sob o regime de ocupação, elas se movem agora recuperando feridos, alimentando os carentes e os seus, resistindo à selva militar. O mesmo ocorre no Afeganistão, onde o pretexto de sua liberação foi utilizado inclusive como condutor do arrojo militar. O mundo inteiro está infestado de bases militares, e em torno a estas pululam os serviços sexuais, nos quais, uma vez mais, mulheres ganham a vida ao preço de se oferecerem a si próprias.

Pois, a face militar do Império e suas mais evidentes arrogâncias machistas aparecem como as mais visíveis, as repercussões sociais, econômicas e culturais da sua imposição são as características permanentes da guerra de baixa intensidade que seu sustentamento causa.

No entanto, as mulheres seguem cumprindo um papel social e econômico de primeira ordem, especialmente nas áreas desvalorizadas, justamente por serem catalogadas como áreas de competência feminina: na pequena agricultura, que é onde a maioria da humanidade obtém o sustento alimentício; na produção e reprodução da vida,

atribuído como um trabalho feminino específico e gratuito; na educação, na saúde e nos cuidados, que foram deslocados da esfera pública pelas políticas neoliberais, e voltaram a ser assunto privado. E esses são apenas alguns exemplos de uma lista interminável.

O Império se nutre do trabalho desvalorizado, precário, doméstico, gratuito e até escravo, que são modalidades correntes na inserção trabalhista das mulheres, que se caracteriza ademais pelos baixos salários, das nulas condições trabalhistas, a perseguição sexual e a falta de garantias. À medida que figuram os serviços entre os exemplos típicos, estas modalidades também se estendem a todas as chamadas áreas informais e a suas extensões de massividade recente: o entretenimento e o trabalho sexual.

As pretensões imperiais de exportar democracia, bem-estar e êxito, principalmente através do jogo do livre mercado, são artifícios que legitimam o consentimento das cúpulas subordinadas dos países subordinados. Impossível imaginar, por exemplo, que os governos negociadores do livre comércio, desconheçam as consequências que a competência desigual impõem ao mercado local, mais ainda aos povos, mas eles preferem ignorar para fazer prevalecer seu sonho de passar ao grupo dos ganhadores, vendendo recursos e seres humanos a troco de bagatelas.

Sob o livre-mercado, a concorrência entre os produtores e vendedores de empanados ou *tortillas* e o poderoso McDonald's só levará ao aniquilamento dos primeiros que, se sobreviverem, terão que comprar franquias aos donos dos conhecimentos e saberes que elas mesmas produziram. O livre-comércio é o desastre para a pequena agricultura doméstica, que é fonte central da soberania alimentícia dos países pobres, e seu desaparecimento levará consigo os espaços de produção de conhecimento que as mulheres, históricas descobridoras da agricultura, desenvolveram por séculos².

A lista de qualidades do Império especialmente diante da realidade das mulheres, é interminável, pois só a obstinação encontra justificativas para explicar por que, em épocas em que se investe milhões em pesquisas sobre biotecnologia, a principal causa de mortalidade no mun-

do segue sendo a materna; por que, na era digital e de conhecimento, existem países em que 80% das mulheres são analfabetas; por que enquanto uns acumulam lucros comparáveis ao orçamento de um país inteiro, milhões vivem, alimentam-se, curam-se e se albergam com os divisíveis centavos de menos de 1 dólar por dia?

Para a maioria das mulheres no mundo, os valores milionários dilapidados nos mísseis inteligentes e outras armas, não só são uma aberração senão também uma abstratização, são cifras inimagináveis para quem, diante da privatização da educação, teve que se endividar ao infinito para que seus filhos pudessem exercer o direito humano universal da educação, consignado desde o século passado.

O imperialismo se nutre do racismo e de suas intersecções com outras formas de discriminação, não só porque sua ideologia reconhece só a um grupo étnico como depositário de todo o princípio de civilização, cuja visão do mundo apresenta-se como universal, senão porque coloca as etnias, povos e grupos discriminados como um mal que poderá ser superado enquanto estes, esquecendo-se a si mesmos, integram-se à lógica da globalização. Para consegui-lo, além da guerra econômica e das práticas genocidas, impõem políticas demográficas que incluem mecanismos de controle sobre o corpo e a vida das mulheres, tais como a esterilização forçada imposta às etnias discriminadas e às pobres.

Enfim, o Império se desnuda por si só, pois as tangíveis realidades que provocam sua imposição, põem em evidência a duplicidade de suas intenções, o patriarcal de sua ideologia e o autoritarismo de suas práticas.

Das mulheres para a Humanidade

Diante do descaramento do Império, o posicionamento do movimento de mulheres é cada vez mais eloquente. Assim, se as lutas do século passado se caracterizaram principalmente pela procura de direitos específicos, no novo século estão em desenvolvimento propostas determinadas nos chamados assuntos gerais: o livre-comércio, a guerra, o modelo da economia, a macroeconomia, a comunicação, a diversidade, a governabilidade mundial...

Desta forma, a Marcha Mundial de Mulheres está propondo a formulação de uma Carta das Mulheres para a Humanidade³, que enfoca boa parte das problemáticas antes citadas; a Rede de Mulheres Transformando a Economia⁴ se há inclinado ao desenvolvimento de iniciativas sobre o livre-comércio; a articulação de mulheres da Via Campesina⁵ elabora a Campanha pela Defesa das Sementes; a Federação Democrática Internacional de Mulheres⁶ dá prioridade à luta pela paz.

Boa parte das preocupações das mulheres está voltada

a pensar em alternativas para fazer viável a justiça econômica e social. A feminização da exclusão, em um momento marcado pela inclinação da economia como ideologia, onde a cultura, a política, o cotidiano, o individual, o coletivo, tudo se percebe desde a ótica de uma dinâmica cada vez mais focalizada nos êxitos do setor financeiro e os rendimentos de capitais internacionais, colocam estes problemas como assuntos de primeira ordem.

Do mesmo modo, importantes setores do movimento de mulheres inscrevem em suas estratégias a participação em espaços amplos. Na Campanha Continental Contra a ALCA e outros espaços de luta contra o livre-comércio, no Fórum Social Mundial; na Assembléia dos Movimentos Sociais, entre outros, a participação do movimento de mulheres é cada vez mais essencial.

E, por outro lado, é cada vez mais notória a ampliação dos atores sociais que se juntam ao movimento de mulheres nas temáticas chamadas específicas. Em assuntos dos diretos sexuais e reprodutivos, por exemplo, o grupo é cada vez mais diverso. Por sua vez, e como os mecanismos excludentes da globalização neoliberal potencializam-se justamente na combinação das múltiplas formas de discriminação pré-existentes, entre as quais a desigualdade entre os gêneros é uma das maiores, figura na agenda atual o fortalecimento de interação com outros movimentos específicos, tal como é o caso de combate ao racismo.

Sem nenhuma dúvida, o recrudescimento da arrogância machista do Império irá requerer muitas ações combinadas, de resistências sólidas, de idéias novas e de ações para as colocarem em prática; nestas, as mulheres têm a grande experiência histórica não só de resistência mas também de uma criatividade que permitiu desde sempre sua própria sobrevivência e a do conjunto. No início do século, dizia-se que este seria o das mulheres e sem dúvida o será, pois elas têm os olhos postos em seu futuro e no futuro da Humanidade.

¹ As mulheres são 70% dos 1,2 bilhão de pobres, In Irene León, "Apuntes para una crítica feminista del Neoliberalismo", América Latina en Movimiento, n. 351, Ecuador, 2002.

² Irene León, "De Mulheres, vida e sementes", In Sementes Patrimônio dos Povos, Via Campesina, Brasil, 2004.

³ www.marchemondiale.org

⁴ <http://movimientos.org/remte/>

⁵ www.viacampesina.org

⁶ www.viacampesina.org

